

Animais de corrida: reflexões sobre o mercado de produção de cavalos e homens para o espetáculo do turfe.

Autor: Rômulo Bulgarelli Labronici

INTRODUÇÃO

As corridas de cavalo, denominadas de turfe, se enquadram no aspecto de uma prática, apreendida como uma atividade esportiva *sui generis*, que demanda a necessidade de uma relação imanente entre homens e cavalos para a sua realização. Estabelecido no início do século XIX foi uma das atividades pioneiras a se constituir na cidade do Rio de Janeiro, então capital nacional, sob a denominação de esporte¹. Uma prática que se destacava pela sua organização de calendários de competição, formação de clubes, pelo desenvolvimento de um corpo técnico especializado e por sua adesão popular, fato este que gerou um enorme mercado ao seu redor. Além disso sua popularidade também se deu pela extensa aproximação com os jogos de apostas que marcaram definitivamente a existência do turfe no cenário do mercado de diversões esportivas².

As percepções referentes aos sentidos dos cavalos tanto para o espetáculo quanto para o mercado de criação e produção de animais para a indústria das apostas são, em muitos casos, similares, tanto entre os que estão mais diretamente envolvidos com a produção efetivamente das corridas, quanto mais distante dela. Para a produção de um cavalo de corrida uma série de atores humanos e não-humanos estão associados em distintas “redes sociotécnicas” (CALLON, 1989, 2006a, 2006b; CALLON e LATOUR, 1991, LATOUR, 2000) contendo agentes que compartilham técnicas específicas para a reprodução, criação, treino, cuidado, compra e venda de animais; e que transformarão o cavalo na mercadoria privilegiada de circulação. O cavalo é

¹ O turfe influenciou decisivamente no desenvolvimento de outros esportes, utilizando a estrutura de clubes, forma de organização de competição e até mesmo adotando uma linguagem própria. A atividade esportiva é entendida como um fim em si mesma, uma atividade “para nada”, sem objetivos outros que se encontram além de suas próprias práticas. Entretanto o historiador Victor Melo (2001, 2009) apresenta uma definição do conceito de esporte que cabe ser pontuada: “(...) entendido como um campo relativamente autônomo, com uma lógica interna específica que não se pode ser reduzida a explicações de caráter econômico e social. (...) mas sim, ter em conta de que grande parte de seu entendimento estaria em sua própria lógica interna e no contexto cultural em que se insere” (p. 15). Antes de ser concebido como estratégia de formação corporal e da valoração do exercício físico, o esporte, como uma manifestação cultural, foi também concebido como uma estratégia de controle educacional das novas camadas operárias, como uma substituição de diversões “apropriadas” para as camadas populares (MELO, 2007, p. 68-70).

² . É possível observar tais perspectivas nos trabalhos de CARVALHO, 1998a; 1998b; Melo, 2001; 2007; 2009.

assim transferido por pontos da cadeia de produção de acordo com o período de maturação e de acordo com os planejamentos estipulados para a trajetória da carreira de cada animal. Enquanto alguns atores podem estar em quaisquer pontos dessa cadeia, outros se encontram em quase sua totalidade. Aqui, a noção de natureza, no mercado de produção de animais do turfe, não é considerada como uma condição universal (ou como uma categoria holística) sobre a qual estão estabelecidas descontinuidades culturais e não pode ser entendida, em geral, como um domínio ontológico externo que é distinto do mundo dos seres humanos (DESCOLA, 1986). Com isso, objetiva-se aqui explorar, a partir de pesquisas etnográficas com apostadores e aficionados do turfe³, alguns dos modos de produção (tanto material quanto simbólica), os sentidos e os usos desses equinos para a consolidação de um mercado voltado para o espetáculo apreciado por um público cada vez mais especializado.

No espetáculo das corridas de cavalo a “cultura turfística” é composta, para além dos cavalos, por sujeitos que se encontram imersos em práticas voltadas para a produção das corridas, como jockeys, treinadores, criadores, cavaleiros, veterinários, assim como seus aficionados, espectadores, apostadores entre diversos outros. Todos voltados, em maior ou menor grau, para a produção do espetáculo turfístico. Com isso, muitas são as formas de denominar o público no turfe: jogadores, apostadores, aficionados, turfistas, catedráticos⁴, carreirista etc., que expressam a ideia daqueles que entendem a fundo os diversos aspectos e nuances do esporte, sendo capazes de transitar entre suas diversas interfaces com naturalidade e maestria. Além disso, seriam aqueles sujeitos dotados de regras e códigos de conduta que expressam etiquetas específicas na competição com seus pares (ou rivais) na busca pela

³ Este texto se baseia em reflexões que vem sendo desenvolvidas em minha pesquisa de pós-doutorado com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET).

⁴ A atribuição de catedrático é dúbia: pode ser um elogio real ou uma forma irônica. Quem melhor traça a caricatura do catedrático, em sua abrangência e ambiguidade, é o cronista Luís Edmundo (1957). “(...) o catedrático, tipo curioso do hipismo nacional, geralmente empregado público. (...) Esse homem, que se tem por um técnico formidável em assuntos de corridas, quando repousa na repartição (como um ótimo empregado público, deixando crescer a barba), se não está pensando, está lendo tudo o que existe sobre a próxima corrida e o que divulgam as gazetas da cidade. Conhece, por isso, todos os comentários e potins urdidos sobre a próxima corrida. O homem sabe coisas extraordinárias: a saúde do animal que vai correr, a resistência física do seu jockey, a capacidade moral do seu proprietário, o que é muito importante, estado em que se encontra a raia, a verdade sobre cotejos que fazem ao lusco-fusco da madrugada e que morrem no segredo das sombras, sombras que não escrevem secção esportivas nos jornais... Além disso, está apto a informar a filiação, o peso ou a coudelaria de qualquer cavalo com matrícula nos prados da cidade, como diz, igualmente, o número de vitórias que ele já obteve, citando o nome dos jockeys que o montavam e o tempo que levou nas carreiras, o que deram as *poules*... Um assombro! O catedrático, porém, espécie de oráculo de Delfos, conhecendo tudo, até o nome do cavalo que vai ganhar, quando joga, é aquela fatalidade: – perde sempre! Mas vai ficando cada vez mais catedrático... (p. 530-531)”.

consagração da vitória. Assim, aqui utilizo genericamente o termo “turfista” para expressar todas estas gamas de possibilidades de interação, de envolvimento, afinidades, gostos e sentidos particulares com o turfe, dentro e fora da produção do espetáculo esportivo considerada também como uma categoria identitária masculina ou masculinizante (VELASQUEZ, 2014 p.20)⁵. Embora, como apontam Miriam Adelman e Fernanda Moraes (2008), há uma crescente conquista de espaço por mulheres dentro deste esporte chegando a se profissionalizar como veterinárias e treinadoras, porém enfatizam que o caminho para seu sucesso profissional continua a ser difícil e repleto de percalços devido ao fato de o ambiente turfista continuar a ser majoritariamente masculinizado.

Assim, sejam eles responsáveis pelo andamento das corridas com trabalho cotidiano direto para a produção do espetáculo (como cavaleiros, jockeys, joquetas, treinadora(e)s, criadores), sejam intermediários diretos e indiretos (como os donos de cavalos, haras, *studs*, veterinária(o)s e demais funcionários) ou sejam aqueles que buscam o lazer e diversão (como sócios do clube, espectadores e apostadores regulares), as corridas realizadas no hipódromo do Jockey Club Brasileiro (JCB) se transformam na busca pelo prazer, excitação e aventura (DUNNING & ELIAS, 1992) de diversos grupos sob formas distintas. Tal distinção é menos uma consequência do que uma causa das formas disponíveis de socializar com o turfe. As áreas de lazer voltadas aos sócios ainda são restritas ao grande público, enquanto o hipódromo encontra-se aberto para que membros e não membros assistam e apostem nas carreiras hípcas. As tribunas de honra, espaços situados nos topos das arquibancadas com a melhor vista para a pista continua a ser restrita aos sócios, donos de cavalos, e membros e familiares da elite local. Algumas de suas mesas são reservadas e tem nomes de família afixados em placas douradas demarcando uma territorialidade distinta do público eventual. Com isso, a estrutura hierarquizada ainda tenta refletir os resquícios de seus anos de ouro onde a alta classe carioca se reunia para “ver e ser vista”⁶. Apesar disso, atualmente frequentes são os discursos em defesa

⁵ Os espaços do turfe, tanto hipódromos quanto as casas de jogo se constituem como espaços a partir da construção de uma *sociabilidade masculina* em locais denominados de “casa dos homens” (GUEDES, 1997), que se constituem como parte fundamental da vida dos trabalhadores articulando entre si, família, trabalho, e diversão, locais onde a presença das mulheres é constantemente coibida. A separação desse terreno físico e simbólico reforça os valores e moldes das ditas sociabilidades masculinas.

⁶ O Historiador Felipe Magalhães (2011) afirma que o turfe foi constituído a partir de valores e formas de sociabilidade oriundas das camadas mais altas da sociedade. “O turfe, seja como esporte ou divertimento, foi criado para as famílias ricas; para elas próprias desfrutarem dele. Bilac, em uma de suas crônicas, argumentou que o principal espetáculo dos prados não se dava nas pistas com os cavalos, mas sim nas tribunas aonde as pessoas compareciam para ver e serem vistas” (p. 46). Entretanto, isto não significa que as camadas populares não tenham participado ativamente do turfe. Desde o princípio, tal extrato da sociedade esteve presente como torcedores, apostadores e participantes diretos dos espetáculos. Linhas de bonde foram redirecionadas e renomeadas para

da expansão e “democratização” do jogo. Na busca de novos padrões, o JCB procura reformular a sua representação a partir de uma concepção de valores ditos mais “democráticos” e “igualitários”. Quanto a isso, fica explícito através da fala de José Carlos Fragoso Rodrigues, presidente do Jockey Clube no ano 1998 ao afirmar:

Aura de “esporte dos reis” é, na verdade, um estigma que marca o turfe como uma atividade de nobres ou magnatas, desde seus primórdios, no século XVIII. Nada mais diferente da realidade. As corridas de cavalos, neste raiar de um novo milênio, são uma poderosa indústria de entretenimento, criadora direta de empregos e tributos e estimuladora de uma enorme teia de atividades econômicas, que para ela convergem. Mais ainda, contrariando a impressão dominante, o turfe é um universo extremamente democrático, em que convivem, lado a lado, dia a dia, humildes ou poderosos, ricos ou pobres (*apud*: CARVALHO, 1998a p. 4).

Entretanto, dentro da cadeia na qual o cavalo-mercadoria perpassa nem todos os cargos e funções são similares ou observados com o mesmo valor simbólico, hierárquico, econômico e social. As relações hierárquicas no turfe apontam para um cruzamento de significados das atividades com equinos que expressam sentidos de profissionalização e do lazer, ou da profissionalização com o lazer (ADELMAN, 2016). Portanto, parto assim da premissa que os espaços dedicados ao esporte e a diversão precisam ser compreendidos a partir das relações de poder e disputa, onde se constroem profundos sentidos sobre o ser humano e os animais que lá se encontram.

Além disso, na cadeia de sustentação e consolidação do mercado de produção de cavalos, os seus valores estão diretamente vinculados com a forma do jogo. Ao lidar com as carreiras turfistas deve-se compreender quais são as suas regras e sua articulação com as normas e papéis sociais de cada um dos atores estabelecidos dentro do esporte, pois é mediante o jogo que se produzem e reproduzem as arenas de sociabilidades onde se expressam valores, valorizações, e que põem em tensão ideias de ordem e de possibilidades. Em se tratando tanto do mercado de produção de animais quanto para a indústria das apostas a noção de “risco” aparece como parte inerente a sua consolidação. O risco está atrelado a um desempenho favorável de um cavalo no turfe desde o processo de cruzamento, da compra de um potro (em leilão do

garantir a fluência da população aos eventos turfísticos. Apesar das constantes tentativas de controle, divisão social, e imposição de valores por parte das elites e dos dirigentes dos clubes, o historiador Victor Melo (2001; 2009) argumenta que tais influências não foram absorvidas passivamente por parte das camadas populares. Se alguns dos valores das elites foram incorporados por elas, também os dirigentes dos clubes tiveram que se adequar a certas representações. Pois, por mais subalterna que fosse a cultura das camadas populares, ela não era construída somente a partir dessa subordinação.

*Tattersall*⁷), da criação, do treinamento, chegando, inclusive, ao seu desempenho nas corridas. É parte estruturante e integrante da “natureza”⁸ do esporte, alavancado pelas incertezas durante todos os processos da cadeia, desde sua fecundação até a linha de chegada.

A PUREZA ANIMAL E A CORRUPÇÃO HUMANA

No turfe a relação entre “natureza e cultura” é desdobrada em polos de oposição complementar e que pode ser lida sob diversas óticas, tais como: animal/homem, genética/técnica, pedigree/performance, selvagem/domesticado, dentre muitos outros. Nas pistas, o agenciamento (DELEUZE, 1995 p.18), cavalo e jockey⁹, possibilita entender a forma de produção das corridas a partir de seres híbridos (LATOURE, 1997), sendo a unidade real mínima que produz os enunciados do turfe. Ao avaliar uma corrida entende-se aqui como uma possibilidade de escolha de um conjunto de competidores em um páreo, constituído por esse agenciamento híbrido de humanos e não-humanos. Em média, entre seis e quinze competidores são pareados em uma disputa e sua avaliação é constituída através da observação dos competidores, seus traços relevantes, seu histórico e sua rede de relações: o jockey, o cavalo, seus criadores, treinadores, a distância da pista, o tipo (areia ou grama), o remédio utilizado e uma série de outros fatores que são considerados relevantes e que porventura possam ter alguma influência e ingerência no resultado. Há, portanto, um somatório de ações e técnicas realizadas por atores distintos (humanos e não-humanos) e que são postas em redes de relações para produzir uma corrida. Dito de outro modo, a produção de uma corrida é também entendida a partir da relação entre humanos e não humanos levando em conta distintas agências, etiquetas, técnicas e éticas específicas para alcançar o resultado esperado de um cavalo de corrida competitivo e vencedor.

⁷ *Richard Tattersall* foi um jockey inglês que, em 1780, fundou o *Hyde Park* em Londres, o primeiro estabelecimento destinado exclusivamente a efetuar leilões de cavalos para o turfe. Seu nome transformou-se em nome genérico para designar locais apropriados de leilões de cavalos. No Rio de Janeiro, o *Tattersall* do hipódromo da Gávea é administrado pela Associação de Proprietários de Criadores de Cavalos de Corrida do Rio de Janeiro – APCCC e nele são realizados os principais leilões da cidade (Ver: CARVALHO, 1998a, p. 24; 1998b).

⁸ Para Sergio Barcellos (2002, p. 43), as incertezas adquiridas em uma aposta em corrida de cavalos são constitutivas de suas emoções. “A segunda conclusão refere-se à natureza mesma do jogo. E aqui, a tese que tem privilegiado é a de exibir as apostas do turfe como sendo um excitante risco tomado através de seres vivos, de temperamento e humor mutantes, ao invés de se medir chances contra uma máquina, ou simplesmente aderir de forma impotente à lei das probabilidades, como é o caso das loterias” (p. 43).

⁹ A figura mitológica do “Centouro” é utilizada por alguns autores de modo a evidenciar uma visão indissociada do homem com o cavalo sendo o resultado de tal união maior do que o somatório das suas partes (Ver: Velasquez, 2015). E é tema desta coletânea.

Antes de dar início a esta questão, é preciso salientar que a raça dos cavalos utilizada no turfe possui um tipo específico para corridas. Denominada Puro Sangue Inglês (ou simplesmente PSI¹⁰) é aqui entendido como uma categoria polissêmica (CASSIDY, 2002), não sendo inteiramente animal, pessoa, objeto, sujeito, inteiramente artificial ou natural. Tal entendimento, segundo apontou Tim Ingold (1994), insere os animais no centro de algumas perspectivas ocidentais de definição do próprio conceito de humanidade. O “homem” e o “animal” se tornam associações repletas de ambiguidades, sobrecarregadas de preconceitos emocionais e intelectuais. Com isso, a partir de tal entendimento, aqui se compreende o turfe como uma prática que pode cumprir uma variedade de finalidades e adquirir significados distintos para seus membros. No caso dos cavalos da raça PSIs encontram-se imersos no que Donna Landry (2020) apontou como um paradoxo de pureza equina. Uma raça distinta pode ser uma ficção, sempre em tensão com o mestiço e o híbrido, mas é uma ficção cuja validade está incorporada na conformação e nas capacidades dos próprios cavalos. No caso dos PSIs esta raça ganha popularidade no cenário mundial durante o século dezenove acompanhado com a ascensão internacional de dominância política e comercial do império britânico. Esta raça de cavalos ingleses evoluiu desde as importações do Oriente Médio entre 1650 e 1750 de mais de 200 garanhões e éguas.

Levando em conta a amplitude de perspectivas que expressam os sentidos que homens e animais adquirem para o turfe, a questão do conflito, como a imanente possibilidade de trapacear, é uma temática de destaque entre os turfistas e coloca em uma perspectiva ampla os sentidos das ações de tanto homens quanto os animais para o esporte. Uma trapaça no turfe está inserida na ideia da possibilidade de que algum agente interfira fora da ética turfista com a competição no resultado de um páreo. A fuga dos padrões de uma normalidade ou de uma previsibilidade no campo dos resultados possíveis é uma preocupação constante nas carreiras turfísticas. Muitas vezes, quando não estão diretamente ligados aos bastidores do jogo, paira sobre o imaginário dos turfistas que ações perniciosas podem ser implementadas para atrapalhar ou consagrar vitórias indevidas. Quanto a isso, exemplifico com o relato do turfista Ivan, que comentou:

Teve um dia inteirinho de reunião que deu problema. Os jóqueis se arrumaram pra dar uma combinação que não daria normalmente. Aquele cavalo azarão, ou que ninguém esperava que fosse ganhar, eles iam lá e faziam ele ganhar. Os outros *tiravam o pé* [ir mais devagar do que deveria]

¹⁰ Do Inglês “Throughbred” ou “Thoroughbred” (uma tradução do *kehailan* arábico ou do *Kuheyilan* Turco Otomano significa “puro por toda parte” (*apud*: LANDRY, 2020).

pra ele passar na frente. Eram cinco jóqueis e um aprendiz envolvidos no esquema. Eles iam correr no dia em quase todos os páreos e se juntaram lá pra sair os resultados mais improváveis que favoreciam eles próprios. Uma hora um ganhava outra o outro e assim por diante. E nisso eles apostaram, porque jóquei, treinador, proprietário, todo mundo aposta também. Aí, no dia, os resultados foram ficando cada vez mais estranhos. Era como se o quinze de Piracicaba goleasse o Barcelona, não dá era muito improvável. Os caras [organização das corridas] então foram lá e deram uma pressão nos jóqueis e acabou que o aprendiz entregou o jogo. Eles tavam manipulando pra sair no lucro com as apostas no final do dia e dividir os lucros entre eles. Aí geral foi suspenso, até o juvenzinho [aprendiz] que acabou falando foi também. Tem dessas coisas, não dá pra dar mole, senão você é roubado de todos os lados (*apud*: LABRONICI, 2017 p. 205).

Quando os resultados são muito díspares do que o estabelecido nos processos de classificação, ou são apresentados como “estranhos”, ou “incomuns”, surgem acusações ter havido algum tipo de manipulação. A denúncia de “roubo” pode ser acionada em diversos momentos, e ser fundamentada ou não. Uma simples derrota já é o suficiente para que alguns jogadores possam acionar tal enunciado, entretanto sem a exigência de que algo deva ser feito a respeito. Apesar de uma série de processos de controle estabelecidos pelo Jockey Club Brasileiro, como a implementação de juízes e uma comissão julgadora para avaliar as corridas, muitos jogadores acreditam que isso apenas minimiza o afã para a trapaça e que elas estão constantemente sendo produzidas diante dos olhares de todos.

A trapaça, como expressa na fala do jogador Ivan, muitas vezes recai sobre o *status* dos jóqueis e sua participação ativa no desdobramento de um páreo. Pois são eles que têm as rédeas nas mãos durante o enfrentamento de seus adversários, entretanto, seu papel dentro da gama de relações mais ampla no turfe, em geral, é subalternizado. Jóqueis, joquetas e aprendizes não possuem voz ativa no esporte; ora são contratados como funcionários de um haras, ora são sorteados pela administração do Jockey Club para cada corrida. Quanto a essa questão, o historiador Victor Melo (2001, p.119 -122) ainda argumenta que eles historicamente não eram considerados verdadeiramente vencedores, como os cavalos e proprietários. Para além disso, a relação ativa do jóquei no turfe se dava de forma minoritária, pois, presos à estrutura dos clubes, condicionado pelas exigências de seus patrões, pressionado pela necessidade de resultados, e até mesmo ilusoriamente incorporado certos elementos das elites, o jóquei seria a parte mais passiva do turfe. Não tendo liberdade de protestar, como o grande público. Tais questões continuam presentes no esporte, embora alguns dos jóqueis brasileiros tenham adquirido um

prestígio suficiente chegando a correr nos Estados Unidos, Argentina¹¹ e até mesmo Dubai. O *status* superior dado aos cavalos é ainda fonte de discussão, principalmente quando um grupo de turfistas busca realizar uma aposta. É ainda evidente uma predileção pelo animal em detrimento do seu montador.

Não apenas jóqueis são acusados de trapacear. As desconfianças nas tentativas de manipulação de resultados perpassam toda a rede de relações que o cavalo percorre recorrendo também a suspeita sob as figuras do criador, do dono proprietário e, principalmente, do treinador. Pois, deste último, esperam-se a sensibilidade, a dedicação, o respeito e a responsabilidade ao preparar um cavalo; ele é também o responsável pela saúde e pela integridade do animal. Um PSI depois de ser adestrado é destinado para a *vila hípica* dos hipódromos, local onde o potro é enviado para receber o treinamento final e adaptação as exigências das competições. É abrigado em uma cocheira sob a responsabilidade de um treinador, que detém a infraestrutura física e de pessoal de apoio, tais como: ferreiros, escovadores, veterinários, tosadores, fornecedores de ração. Entretanto, seu prestígio será reavaliado à medida que sua conduta se aproxime como a de um treinador permissivo de certas posturas consideradas inadequadas. A exemplo disso tem-se a prática muito citada entre turfistas de treinadores responsáveis por dois ou mais cavalos em um mesmo páreo. Pois espera-se deles o uso de estratégias que deliberadamente priorizam um dos competidores. Fazendo assim que um deles perca propositalmente em favor do outro. Ou ainda que ele faça com que um de seus cavalos corra apenas com o intuito de atrapalhar os demais competidores, deixando o caminho livre para o competidor de sua predileção. Este tipo de conduta dificilmente é punido devido à dificuldade de comprovação. Apesar disso, desconfianças contumazes são levantadas quando há casos de duplicata nas provas. Tais suspeitas de que há “roubo” e “malandragem” acirram as rivalidades dentro do hipódromo.

Além das posturas e condutas dos competidores na pista, uma forma muito eficaz de trapaça ressoa no âmbito das substâncias aplicadas aos animais. O *doping*, como é chamado, constitui-se na manipulação de remédios, hormônios e substâncias que ampliam a capacidade do desempenho do animal e que são considerados prejudiciais, ou agem contra o espírito da

¹¹ A exemplo do jóquei Ricardinho que alcançou a marca de 13 mil vitórias batendo o recorde mundial em 2019 que teve sua carreira iniciada na Vila Hípica do Jockey Club Brasileiro no bairro da Gávea na cidade do Rio de Janeiro e atualmente está radicado na cidade de Buenos Aires na Argentina. Ver: Correio Brasiliense, 25 set, 2020. <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2020/09/4877947-turfe-joquei-jorge-ricardo-atinge-a-marca-de-13-mil-vitorias-na-carreira.html> (Acessado em 01/09/2021).

competição¹². No caso do turfe, existem substâncias toleradas e limitadas (*screening*), de efeito terapêutico (*screening limits*), ou terminantemente proibidas, que estão definidas pela *International Federation of Horseracing Authorities* – IFHA, órgão do qual o Brasil é signatário. Excetuando-se as substâncias listadas na tabela de controle, nenhuma outra substância possui limites toleráveis, ou seja, se confirmada a positividade da substância proibida na amostra, em qualquer nível, é configurado *doping*. Para a sua verificação, exames com primeiro e segundo colocado são realizados após cada corrida para identificar seu uso, podendo haver o sorteio para testagem de um terceiro competidor. Se excedido o limite de tolerância indicado, passa a ser considerada substância dopante. Entretanto, mesmo com as constantes fiscalizações, não são impeditivos para que treinadores excedam as dosagens controladas ou aplicações de outras fora das regras estabelecidas. A penalidade por ministrar substâncias que alteram o desempenho do cavalo, seja para aumentar ou diminuir a performance, recai sobre a competência do treinador, que é o principal suspeito sobre a dopagem dos animais. Quando pegos no *doping*, podem ser suspensos ou até mesmo expulsos do esporte¹³.

A mesma questão de suspeição acontece com a pesagem. Devido a importância atrelada ao peso para uma vitória ou derrota em uma competição ocorre a pesagem de cavalos, jóqueis e equipamento de montaria que são ostensivamente e cuidadosamente monitorados. Antes e ao fim de cada páreo a pesagem, aberta e em público, ocorre para evitar que se tenha tido manipulações ou alterações fora dos limites previamente estabelecidos. Corridas em que pesos extras são adicionados (*handicaps*) são mais visadas a fim de evitar que algum deles tenha sido descartado ao longo da corrida, dando vantagens a um determinado competidor. Caso haja uma discrepância entre a pesagem inicial e a final, o competidor pode ser desclassificado e posto na última colocação do páreo. Quanto a isto, também recaem sobre o prestígio dos treinadores suspeitas de mancomunarem com jóqueis e proprietários, o que mostra que apesar das constantes tentativas de produzir corridas “limpas”, a potencialidade latente de tomar

¹² O Jockey Club disponibiliza aos treinadores a lista das dez substâncias cujos limites não devem ser excedidos (*screening*), sendo elas: 1 -Arsênio, 2 -Boldenona, 3-Dióxido de Carbono, 4-Dimetil Sulfóxido, 5-Estranediol em machos, 6-Hidrocortizona, 7- Metoxitiramina, 8-Ácido Salicílico, 9- Testosterona e 10-Teobromina. Ver: <http://www.jcb.com.br/noticias/43672/dopping-a-verdade-e-uma-so/> (acessado em 05/07/2021).

¹³ Tais regras estão disponíveis no Código Nacional de Corridas (C.N.C.) elaborado pelo Ministério da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento, órgão responsável. Ver: <https://www.jcb.com.br/imagens/2019/07/C%C3%B3digo-Nacional-de-Corridas.pdf> (acessado em: 01/09/2021).

vantagens entre os competidores está sempre presente. Apesar disso, essa constante busca pela trapaça e as múltiplas formas de burlar as regras para vencer não produzem um efeito devastador na reputação do turfe como um todo¹⁴. Neste ponto, o antropólogo Rafael Velasquez (2015) em seu trabalho com o turfe afirma:

Há coisas mais do que simbólicas nos cavalos de corrida. Estes equinos são os vértices profundos e absorventes do turfe. Como coloquei acima, há um clima de suspeita sobre os homens que impregna o hipódromo onde todos são malandros. Isto é natural, uma vez que é um jogo em que o somatório das apostas – o prêmio – é rateado pelo número de apostadores vencedores. Mas são os cavalos os responsáveis por minimizarem as suspeitas porque eles são a diferença desta atividade (2015, p. 41).

Existe assim a ideia de um contraponto na balança da competição no lado animal que indeferiria em sua natureza o fato de ganhar ou perder uma prova. Por mais que os ganhos materiais e imateriais oriundos de uma competição possam porventura contribuir com melhorias ou até mesmo na extensão da vida material de um cavalo (como será explorado adiante), o entendimento dos turfistas em geral é de que cavalos não seriam seres capazes de absorver esta lógica de casualidade. Um cavalo, por mais vitorioso que possa ser, continuaria a ser entendido como um cavalo e não seria dotado de mecanismos que o permitiriam extrapolar a sua própria natureza, o que para um turfista seria uma “natureza corredora”¹⁵. Assim, há uma ideia difundida da relação entre a animalidade dos cavalos e a humanidade dos que produzem uma prova que se anula, quando observada pela chave da desconfiança de roubos ou trapaçes, com uma eterna desconfiança nos homens e da crença da pureza dos animais por serem (supostamente) incorruptíveis.

Como tenho dito, o espetáculo de uma corrida no turfe pode ser entendido pelo contraste entre o homem e a natureza. Apesar da constante ideia de trapaçes em potencial, o imaginário do turfe convive conjuntamente com uma relação de disputas honrosas nas quais os competidores seguirão as regras e se consagrarão sem a necessidade de subterfúgios. Por mais que possam existir tais manobras de manipulação, muitos jogadores compartilham da ideia de que não vale vencer a qualquer custo, e uma vitória considerada “limpa” possui um valor simbólico e moral superior do que o prêmio material recebido por ela. A ética dos jogadores

¹⁴ Victor Melo (2001) aponta para o papel dos *tribofes* nos antigos hipódromos da cidade do Rio de Janeiro como tentativas de fuga das regras estabelecidas. Consideradas as principais fontes de conflitos na época.

¹⁵ Ver: (VELASQUEZ, 2015).

corresponde assim a um leque de sentidos que vão desde a forma ética e “humana” de criar, tratar e treinar um animal até a forma apropriada e correta de jogar e apostar.

Ainda é válido destacar nessa seara sobre algumas características personificadoras que são atribuídas aos cavalos por alguns turfistas ditos “puristas” que não enxergam os animais apenas como seres inertes e passíveis de manipulação total do homem, mas seriam também seres dotados de algum grau de agência. A agência animal seria levada em conta para a produção de um cavalo e, principalmente na sua forma de atuação nas pistas. Tal agência é explicitada quando a atuação dos cavalos impõe responsabilidades, índoles e caráter individual a cada animal. Com isso, seria necessário a utilização de equipamentos e ferramentas específicas para diminuir seus efeitos e impedir que a agência animal seja livre de controles humanos. Como por exemplo o uso do *arminho* e dos *antolhos*, referentes à atenção do animal. O primeiro é uma espuma colocada sobre o focinho do cavalo e tem o propósito de diminuir a distração de cavalos que correm com cabeça baixa demais olhando diretamente o chão e que se assustam com facilidade por poças de água, folhas, etc. Do mesmo modo que os antolhos servem para que o cavalo não se assuste com seus adversários quando emparelhados e evite que ele possa morder tanto jôqueis quanto cavalos durante um páreo. O uso de *roseta* e *esporas* são usadas em cavalos que têm dificuldade de correr em linha reta, ou de fazer a curva. E por fim, o *ferrageamento* que especifica o tipo de ferradura utilizada, que pode ser de alumínio, filete ou ferro. Até a temporada 2013/2014, os cavalos podiam correr desferrados em provas de grama, o que geralmente aumentava o seu rendimento, mas isso também podia comprometer os cascos do animal. Entretanto, desde o ano de 2015 tal prática não é mais permitida. Segundo Sérgio Barcellos (2002 p.109-111), alguns desses auxílios são considerados pelos puristas como “aparato infame”, que atribuem seu uso a “falhas de caráter” do animal. Morder adversários, não conseguir andar em linha reta, ser arisco e assustado não seriam traços de um campeão nato (ou natural). Tais técnicas, para os puristas, remetem a negação de um passado originário incorruptível do esporte e que atualmente teria sido desfeito a partir das demandas de controle constantes. Apesar disso, o uso de tais mecanismos de controle funcionam como “estabilizadores do temperamento”, por criarem nos animais mais jovens a ilusão de proteção e segurança de que necessitam. Alguns argumentam ainda que parte desses animais poderiam até mesmo não ter a possibilidade de desenvolvimento de sua carreira no esporte sem a implementação desses equipamentos.

UM MERCADO DOMESTICADO

No turfe, a noção de proprietários pode ser dividida em três: proprietários individuais, uma pessoa física; um *stud*, uma escuderia composta por dois ou mais sócios que detém a propriedade do animal; ou Haras denominação dada ao estabelecimento que criou o cavalo e que mantém seus direitos de posse. Estes, quando proprietários individuais, são sujeitos que se encontram em diversos momentos importantes da vida de um animal e são dotados de um prestígio diferenciado no universo turfista devido ao alto custo de criação e manutenção dos animais, do conhecimento necessário sobre as demandas médico/veterinárias exigidas e das técnicas de treinamento e montaria utilizadas para a transformação de um animal ordinário em um campeão das pistas. São figuras que se apresentam como detentoras de um conhecimento mais robusto sobre aspectos mais totais da vida de um animal e com isso, seriam dotados de uma expertise que contribuiria com a negociação com outros atores (como técnicos, criadores e jôqueis) para a avaliação da aptidão do animal para a sua inclusão em uma corrida. Apesar disso, a concepção de propriedade atribuída a um cavalo de corrida contribui com a ampliação do léxico de sentidos por parte de seus donos. Tais noções podem transitar entre a estimação, o insumo e o investimento; sendo dotado de maior ou menor familiaridade conforme são empregados em cada situação.

Como é o caso de “seu Pereira”, um de meus interlocutores nas casas de apostas. Dono de uma égua já no declínio de sua carreira, mas que ainda participava em eventos regulares. Apesar disso, recorrentes eram também as suas afirmações que reforçavam a qualidade de seu cavalo e que frequentemente produziam uma associação direta entre as qualidades do animal com as suas próprias. Quando seu cavalo venciam, além de ganhar o prêmio da competição, também fazia com que ele se sobressaísse perante os demais turfistas. A vitória de seu animal era seguida de congratulações dos demais que teciam comentários sobre as ações exercidas por ele que permitiram ao animal adquirir as qualidades exigidas para vencer uma corrida. Por outro lado, quando a égua perdia uma prova, as justificativas se davam também por associação: “É que ela tá velhinha tadinha, igual ao dono, já não aguenta mais o tranco”, costumava comentar.

Mesmo sendo dono de cavalo, “seu Pereira” também era adepto das apostas e entendia a complementariedade da indústria do jogo atrelada ao turfe como um apêndice necessário e que “dava mais sabor as corridas”. Quando sua égua entrava em um páreo, muitos foram os momentos em que sua aposta era feita em cavalos rivais independente das chances de vitória. Ao ser questionado sobre tal postura, a sua argumentação se dava no sentido do reconhecimento

das limitações de seu animal em um determinado páreo em questão, em outras apontava para uma situação na qual ele venceria a qualquer custo. Se caso sua égua se saísse vitoriosa, ou dentro da colocação de premiação, ele receberia o prêmio da corrida, e caso sua égua perdesse, ele aumentaria suas chances de evitar sair sem qualquer tipo de premiação. Mesmo que as custas da derrota de seu animal. Apesar disso, as relações de proprietários com seus animais não costumam se dar apenas no âmbito da vitória/derrota nas pistas, mas podem eventualmente se sobressair para o âmbito familiar. Com nos momentos em que “seu Pereira” afirmava que seus filhos e esposa, por mais que não compartilhassem dos mesmos gostos pelo turfe, apreciavam o animal como um ser “quase da família”. Tal reflexão provocativa da estima do animal e de sua aproximação com um parentesco com seus donos se nutre da “suposição de uma igualdade moral – a de que os animais também são gente” (SEGATA, 2012 p. 178).

Por outro lado, os cuidados com o animal, os custos de trato, os altos gastos com insumos, com salários de profissionais especializados, de instalações próprias, o transporte, altas taxas e demais gastos apresentam a esfera econômica como um tema central quando se fala sobre cavalos de corrida. Como “seu Pereira” afirmava: “gasto mais de dois mil reais só de comida pro bicho. Isso não é um cachorrinho vira-lata que come qualquer coisa, muito menos um brinquedo que pode tratar como bem entende, isso é um investimento”. Os gastos com o animal somam-se ao seu valor transformando-o em um bem que se valoriza conforme adquire atuações positivas nas pistas. O valor econômico e simbólico do animal estão diretamente associados, pois quanto maiores são o número de vitórias, a importância das provas vencidas, maior é também o seu prestígio perante os turfistas. Com isso, apesar da percepção familiar a égua de “seu Pereira” era também entendida sob o rótulo de um “investimento”, pautado por noções e regulações estabelecidas dentro do mercado tradicional. Com demonstrou a socióloga Viviana Zelizer (2011a), a separação entre as relações “de mercado” e as relações “de foro íntimo” tendem a se aproximar e se afastar por processos de negociação e não a partir de uma ruptura intransponível. Assim, a permanência de um cavalo, mesmo sob o rótulo de “estimação”, nas mãos de um proprietário que almeje ser vencedor, é constantemente negociado a partir de seu desempenho. Caso o animal deixe de ser “economicamente rentável”, isto é, quando seus gastos se sobrepõem aos seus ganhos, ou quando a sua manutenção perde o sentido de ser continuada, como ser dono de um animal de pouco prestígio, muitos são os proprietários que inserem seus animais no mercado de cavalos.

A forma que esse mercado opera pode ser exemplificado com o caso do cavalo *Bal a Bali*, apelidado pela imprensa especializada de “o príncipe negro”, que na época o seu proprietário majoritário era o Haras Santa Maria de Araras, localizado no Rio Grande do Sul e considerado por muitos apostadores como um dos melhores Haras criadores de cavalos do país. *Bal a Bali* se consagrou vencedor nos três principais prêmios da temporada de 2013/2014¹⁶ se tornando o 12º *tríplice coroadado*¹⁷ com direito a recorde na pista de grama. Para se tornar um *tríplice coroadado*, um competidor deve ganhar as provas de 1000 metros, 1600 metros (aproximadamente uma milha) e 2400 metros (uma milha e meia) no Grande Prêmio Brasil. Provas com o maior grau de dificuldade, com os melhores competidores nacionais e extremamente almejadas. As provas do Grande Prêmio são cobiçadas por tanto seus altos prêmios quanto pelo seu prestígio cuja vitória em um desses eventos traz ao vencedor *status* e renome internacional. O feito de se ganhar todas as três em uma mesma temporada é tão incomum que os poucos *tríplices coroadados* em todas as temporadas da história do Jockey Clube Brasileiro possuem suas fotografias expostas no hipódromo da Gávea, em um mural dedicado exclusivamente a eles. Uma grande corrida, uma disputa intensa ou momentos determinantes remetem a sentimentos e emoções e consolidam as trajetórias dos jogadores no turfe e comumente são merecedores de destaque na história recente do esporte. Após o feito, *Bal a Bali* foi avaliado em 6 milhões e vendido para um Haras norte-americano. Entretanto, em agosto de 2014, pouco tempo após sua venda, foi diagnosticado com uma laminite (uma inflamação crônica na lâmina do casco), que quase o fez ser sacrificado. Vendido novamente, por pouco não foi precocemente para a reprodução. Entretanto, novamente posto para correr ele ganhou seu primeiro campeonato de G1¹⁸ nos hipódromos norte-americanos. Recentemente *Bal a Bali* ingressou na reprodução e em 2018 sua cobertura estava orçada em U\$ 15 milhões¹⁹.

¹⁶ As temporadas no turfe respeitam o “ano hípico” – período compreendido entre 1º de julho a 30 de junho, para efeito de estatística inclusive segundo consta nas Considerações do Código Nacional de Corridas C.N.C.

¹⁷ Atualmente, os competidores que foram *tríplices coroadados* no Rio de Janeiro foram: Mossoró (1933), Criolan (1942), Quiproquó (1953), Timão (1956), Escorial (1959), African Boy (1979), Old Master (1984), Itajara (1987), Groove (1996), Super Power (2000), Plenty of Kicks (2012) e *Bal a Bali* (2014).

¹⁸ Provas de grupo são consideradas mais exigentes e com competidores com níveis cada vez mais elevados. No Brasil, por exemplo, o calendário de provas da temporada 2014/15 (1º de julho a 30 de junho de 2015) foram corridas 28 provas de grupo-1 (G1), 33 de grupo-2 (G2) e 40 de grupo-3 (G3). Com um total de 101 provas de grupo (G) realizadas na temporada. Ainda foram realizadas 72 provas finalizando o calendário com um total de 173 corridas ao todo. Divididos pelos hipódromos da Gávea (RJ), Cidade Jardim (SP), Cristal (RS) e Tarumã (PN) (LABRONICI, 2017 p.297).

¹⁹ <https://www.jcb.com.br/home/noticias/174948/um-craque-de-nome-bal-a-bali/> (acessado em 10/08/2021).

Em 07 de março de 2019, teve sua primeira filha (Rosa Brava) que nasceu nos estados Unidos na busca da continuidade de uma linhagem campeã²⁰.

Como fica evidenciado no caso de Bal a Bali os mercados de PSI articulam espaços de produção e criação de animais que transforma o cavalo em uma mercadoria privilegiada, com valores de uso e troca, inserida em uma rede de circulação econômica culturalmente definida (ZELIZER, 2011b) pelos padrões do esporte voltada para a vitória nas pistas combinando espaços de criação, cuidado e treinamento. Com isso, o valor do animal-mercadoria melhora proporcionalmente conforme alcança boas atuações. Por outro lado, cavalos que estão nas mãos de proprietários que almejam se desfazer de seus “investimentos” podem ser postos em páreo de *claming*²¹ nos quais os animais são leiloados ao final para compradores interessados, muitas vezes impressionados com sua performance pontual. Caso não haja compradores, o animal retorna para as mãos do dono que decidirá o que fazer com ele. Não há um único curso de ação possível a ser tomado, mas dentre os mais comuns, e prováveis, são a venda direta para outro comprador, como no caso de Bal a Bali, ou seus proprietários podem ainda buscar inserir os animais para a reprodução (garanhões), embora em muitos casos este é o fim de animais machos vencedores e de maior prestígio. No caso de animais fêmeas a seleção por aptidão é menos rígida e a maioria é destinada à reprodução após a sua aposentadoria das pistas.

Por outro lado, até mesmo animais de maior prestígio e com condições consideradas saudáveis podem ser aposentados das corridas e retirados definitivamente dos circuitos do turfe para fins outros ou até mesmo, não menos comum, serem sacrificados. O sacrifício do animal no turfe, em muitos casos, é deslocado para a seara econômica, como ficou evidente no caso de Bal a Bali, que escapou de ser sacrificado, mesmo já tendo sido um grande campeão. A ideia de sacrifício não é concebida como algo que se pudesse pensar como alguma função social valorizada, como no tipo de análise que difusamente percorre a história moderna da antropologia, especialmente desde Mauss e Hubert (2005). O abatimento de animais por si mesmo, banalizado, sem fins ou justificativas reconhecíveis equipara à semântica da violência pura. O próprio termo “sacrifício” em outros cenários, como apontou Jean Segata (2016 p. 835), remete a “uma morte inútil”, que é contornada com um pragmatismo objetivo para lidar com as questões morais referentes a morte dos animais. Mata-se com um propósito pragmático:

²⁰ <http://santamariadeararas.com/2019/03/20/bal-a-bali-tem-primeiro-produto-registrado/> (Acessado em 10/08/2021).

²¹ As provas denominadas de *claming* são provas nas quais os animais inscritos são enturmados por valores de remate, isto é, serão leiloados ao final conforme regulamento próprio.

alimentação, aproveitamento de órgãos ou evitar um sofrimento insolúvel. Entretanto, no léxico econômico do turfe, sacrificar é sinônimo de uma morte necessária a fim de evitar-se um somatório de prejuízos. Faz parte da economia do jogo. Materialmente, o abate do animal, que em certos momentos pode ocorrer na pista aos olhos do público, é lido como uma forma de se evitar a acumulação de prejuízos devido aos grandes custos de manutenção frente ao pouco, ou nenhum, retorno que o animal proporcionaria. Animais que estão impossibilitados de participar de corridas ou de serem enviados para outros mercados, como a reprodução por exemplo, perdem o seu sentido de existência no universo turfístico e o seu fim mais digno é a morte, rápida e serena. Como apontaram Kristen Guest e Monica Mattfeld (2020) a tais convergências de idéias sobre natureza e comportamento natural com questões de benefício financeiro humano, satisfação emocional ou estética sugerem como a idéia de raça exerceu um poder ideológico significativo na sociedade humana. Empregar a raça como um marcador de pureza, segundo as autoras, é, portanto, engajar-se em discórdias modernistas de animalidade imperialista, sistema darwiniano social de seleção e opressão humana em sistemas globais de comércio de carne humana e animal. Em essência, como provocativamente sugere Donna Haraway²² (2019) as questões referentes a cruzamento racial (*breed*) e pureza, tanto no plano animal quanto humano, em última análise é enredado na luta em curso sobre quem vive e quem morre. Assim, no turfe, um animal impossibilitado de correr perde seu sentido de existir no universo turfista. Como tenho afirmado, a relação dos homens com a natureza nesta atividade encontra-se intrinsecamente atrelado com a relação da produção de animais com os atributos valorados para o esporte, e o seu mercado rege um controle ostensivo sobre esses animais desde antes de sua existência física até a sua morte.

Assim, as expectativas de ganhos (não apenas nas pistas, mas no mercado como um todo) estão em concordância com os controles impostos pelo homem sobre a natureza. A capacidade de adaptação das plantas e animais domésticos está vinculada às necessidades e caprichos dos homens. No turfe, técnicas específicas são utilizadas por atores visando a domesticação dos animais na busca da adequação e de uma “otimização da biologia” do animal em função do mercado das corridas. O uso desse conceito pode acarretar naquilo que Rebecca Cassidy (2007 p.8-9) aponta como uma associação da degeneração de traços selvagens autênticos. A habilidade humana para selecionar é cumulativa: a natureza estimula variações sucessivas, o homem as direciona ao ponto de algumas raças, como é o caso dos equinos, terem

²² Donna Haraway, “Roudtable on Breed”, *Humanimalia* 10, n. 1 (2019), eds, Kristen Guest and Monica Mattfeld, <https://humanimalia.org/article/view/9591/10126>, acessado em 15 de março de 2022.

se desenvolvido, quase que exclusivamente, em torno de seus anseios e vontades. E no turfe, isso se dá através de determinadas técnicas e avaliações genéticas específicas nas quais cavalos são selecionados e escolhidos, comprados e vendidos entre os “melhores” cruzamentos possíveis. No caso de Bal a Bali isso se evidencia quando o seu papel de corredor passa para reprodutor, transformando cavalos renomados em produtores de futuros competidores. O mesmo ocorre com outros animais de renome que, por terem seu material genético congelado, continuam a reproduzir potros mesmo após a sua morte. Transformando a compra e venda de material genético desses animais em “insumos” ampliando o mercado interno voltado para a produção de campeões (LABRONICI, 2017 p.174).

Este mercado de produção de animais se dá através da fecundação artificial e se tem o intuito de diminuir casualidades genéticas, os riscos econômicos atrelados ao seu cruzamento e de uma aleatoriedade natural no processo de criação de futuros competidores. Tal lógica insere a Natureza como um obstáculo de desordem aos anseios do ordenamento dos homens para o turfe. Assim, saberes médico-científicos são utilizados de modo a produzir controles e direcionamentos a um determinado caminho desejado inseridos em regimes discursivos de um saber/poder voltado para a máxima lucratividade e diminuição de riscos do investimento. A relação entre discursos médicos e efeitos de controle de corpos dos animais relaciona-se a um biopoder (FOUCAULT, 2010) e em dispositivos discursivos valorativos para a produção de futuros animais competidores. Apesar dos saberes científicos serem de algum modo determinantes para a produção desses animais, saberes outros são também acionados como formas de valoração de traços adquiridos por certos cruzamentos de diferentes animais. Uma “ciência do concreto” (LÉVI-STRAUSS, 1966), que lida experimentalmente com o mundo material, é assim produzida também a partir de processos de “tentativa e erro” nos cruzamentos de animais para o esporte. Como apontou o turfista João que, em conversa, afirmou: “Juntar dois cavalos bons aumenta muito as chances de sair coisa que presta, mas juntar cavalo ruim com cavalo merda é praticamente impossível sair algo decente!”. Assim, no caso do turfe a reprodução se apresenta manipulada passo a passo pelo homem, haja vista que criadores buscam ter o controle “com rédeas curtas” de todo o processo de produção e criação. Como apontou Katrin Boniface (2020) ao longo da história dos PSIs criadores fizeram mais do que “esperar pelo melhor” resultado. A proliferação de enciclopédias e dicionários de esportes com uma vertiginosa variação de tipos de tons e cores da pelagem, tamanhos e formas das mais variadas partes do corpo animal sugerem que criadores fizeram mais do que um cruzamento

indiscriminado e possuíam um entendimento muito mais sofisticado e metódico dos cruzamentos e relações geracional genético que se habituou a acreditar.

Assim, além da necessidade de se obter “insumos” biogenéticos de qualidade oriundo de campeões do passado, o mercado de produção de PSIs encontra-se ostensivamente arraigado a ação de atores que produzirão, a partir de técnicas específicas, modos de criação, adestramento, cuidado e treinamento em locais destinado para a criação e valoração do *pedigree*. Com isso, se evidencia a fluência econômica para garantir as melhores terras e acesso a boas matrizes e linhagens tenham predileção no processo de criação; o que como aponta Sergio Barcellos (2002, p16) seria a capacidade de combinar de modo efetivo todas essas variáveis que faz a diferença entre o fracasso e sucesso no desempenho do ofício de produção de animais e competidores.

CONCLUSÃO

As diversas funções necessárias para a produção de uma corrida podem ser estratificadas em ordem de importância a partir da tomada de decisão de certos atores. Como busquei demonstrar, quem manda e quem possui o controle sobre a movimentação desses animais nesse mercado pode ser observada de acordo com a proximidade na qual o sujeito se encontra com o cavalo no seu cotidiano. Como visto acima, quanto mais próximo está do animal em sua rotina profissional (como por exemplo: jóqueis, joquetas, cavaleiros), inferior será o seu status no turfe. Apesar disso, não menos relevantes serão a necessidade de utilização de saberes e técnicas específicas em sua profissão. Por outro lado, proprietários, pouco responsáveis pela produção de um evento, em geral oriundos de classes sociais elevadas, são os que, através da noção de posse e propriedade, tomarão a maioria das decisões referentes ao destino dos animais. Sujeitos de prestígio que detém o controle ativo no mercado do turfe.

A noção de propriedade, mercadoria, insumo, investimento, somam-se ao léxico do turfe inserido sentidos econômicos aos animais utilizados para as corridas. É assim possível compreender a compra e venda de cavalos de corrida como a de mercados futuros, no qual os riscos envolvidos são altos não havendo certezas de resultado positivos, independente da ação, da qualidade dos insumos, das técnicas utilizadas e dos locais destinados para a produção. O acaso, “sorte” ou “azar”, para valer-se um termo mais comumente utilizado na indústria de apostas, paira sobre a atividade fazendo com que os resultados possam oscilar do sucesso absoluto ao desastre completo. Como afirmou o antropólogo Rafael Velasquez (2015):

E como são os espelhos do homem a corrida é o reflexo da vida. Isso é o que há de mais profundo na compreensão. Apostamos nas incertezas da vida. Queremos acreditar que vamos acertar e nos desesperamos diante do perder. A derrota é dura, mas é a importante lição: o dinheiro não é tudo. (p.56)

E como busquei demonstrar, as expectativas de ganhos nas pistas estão em consonância com os controles impostos pelo homem sobre a natureza e refletem o mercado estruturado nos bastidores de produção do espetáculo.

Com isso, o valor econômico e simbólico do animal encontram-se diretamente associados, pois como tenho afirmado, a relação dos homens com a natureza no turfe encontra-se intrinsecamente atrelado com a relação da produção de animais com os atributos valorados para o esporte, e o seu mercado rege um controle ostensivo sobre esses animais em todas as etapas de sua existência. A naturalidade, ou a natureza de um PSI é entendida assim a partir de um processo ativo e contínuo da ação dos homens, que fazem cavalos para corrida e consequentemente o fazem a si mesmos.

REFERÊNCIAS:

ADELMAN, Mirian & MORAES, Fernanda Azevedo de. *Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro*. Esporte e Sociedade ano 3, n.9, Jul.2008/Out.2008

ADELMAN, Miriam. *Animal de trabalho e animal de lazer: o que os esportes e culturas equestres podem nos dizer sobre nós?* In.: *Ente jogos e copas: reflexões de uma década esportiva*. Org. SPAGGIARI, Enrico, MACHADO, Giancarlos, GÍGLIO, Sérgio. São Paulo, Ed, Intermeios, 2016.

BARCELOS, Sergio. *Cavalos de corrida: uma alegria eterna*. Rio de Janeiro: Topbooks. 2002.

BONIFACE, Katrin. *Manufacturing the horse, understandings of inheritance in the long eighteenth century*. Routhledge, London, 2020.

CALLON, Michel. *La science et ses reseaux: genese et circulation des fait scientifiques*. La Découverte: Paris, 1989.

_____. *Pour une sociologie des controverses technologiques*. In : AKRICH, Madeleine ; CALLON, M ; LATOUR, B. *Sociologie de la traduction: textes fondateurs*. Paris: Minses Paris Le Presses, 2006a p. 135-157.

CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. *La science telle qu'elle se fait*. Paris: Éditions Découvert, 1991.

_____. *Sociologie de l'acteur reseau*. In : AKRICH, Madeleine ; CALLON, M ; LATOUR, B. *Sociologie de la traduction: textes fondateurs*. Paris: Minses Paris Le Presses, 2006b. p. 267-276.

CARVALHO, Ney O. R. (editor). *O Turfe no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora, 1998a.

_____. *Jockey Club Brasileiro 130 anos – Rio de Janeiro, um século e meio de Turfe*. Imprinta Gráfica e Editora. Rio de Janeiro, 1998b

CASSIDY, Rebecca. *The Sport of the kings. Kinship, class and thoroughbred breeding in Newmarket*. Ed. Cambridge University Press, 2002.

DELEUZE, Gilles, FÉLIX, Guattari. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. vol 5*. Ed.34, São Paulo, 1997, 4ª reimpressão, 2008.

DESCOLA, Philippe. *La nature domestique: symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme 1986.

DUNNING, Eric, ELIAS, Norbert. *Quests for excitement. Sports and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford Blackwell Publisher, 1992.

EDIMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. P. 846

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber (Vol. 1)*. São Paulo: Edições Graal. [1976] (2010).

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de corpo – um estudo da construção social de trabalhadores*. Niterói: EDUFF, 1997.

GUEST, Kristen; MATTFELD, Monica (Org). *Horse breeds and human society, purity, identity and the making of the modern horse*. Routledge, London, 2020.

INGOLD, Tim. *Humanity and animality*. In.: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Routledge London and New York, 1994.

LABRONICI, Rômulo B. *Na pata do cavalo: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Club Brasileiro*. Ed Autografia, Rio de Janeiro, 2017.

LANDRY, Donna. *Habsburg Lipizzaners, English Thoroughbreds and the paradoxes of purity*. In.: GUEST, Kristen; MATTFELD, Monica (Org). *Horse breeds and human society, purity, identity and the making of the modern horse*. Routledge, London, 2020.

LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. UNESP, São Paulo. 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *The savage mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

MAGALHÃES, Felipe. *Ganhou Leva! O jogo do bicho no Rio de Janeiro (1898-1960)*. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2011.

MAUSS, Marcel & HUBERT, Henry. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naify. 2005.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro* Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Dicionário do Esporte no Brasil – do século XIX ao início do século XX*. Editora Autores Associados LTDA. Campinas, 2007

_____. *Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil*. In: MELLO, Victor Andrade, PRIORE, Mary Del (Orgs.). *História do esporte no Brasil – Do império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SEGATA, Jean. *Os cães com depressão e os seus humanos de estimação*. Anuário Antropológico, Brasília, UnB, 2012, v. 37, n. 2: 177-204.

_____. *Quando o animal dura mais que a estimação*. MANA 22(3): 831-856, 2016.

VELASQUEZ, Rafael. *Ciência inexata*. Universidade Federal Fluminense, (dissertação de mestrado) 2015.

ZELIZER, Viviana. *Economic Lives. How culture shapes the economy*: Princeton University Press, 2011a.

_____. *Negociação da intimidade*. Vozes, Petrópolis, 2011b.

Mini CV: Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGA/UFF. Realiza Pós-doutorado pelo PPGA/UFF e INCT/Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (Bolsista FAPERJ Nota-10). Tem experiência com estudos relacionados a antropologia econômica, urbana, dos esportes e relações homem-animal.

Principais publicações relacionadas:

- A dívida Galopante: a economia das apostas e os significados dos usos do dinheiro no turfe. *Revista Sociologia e Antropologia*, v. 9, p. 185-209, 2019.
- O vício inerente: fronteiras materiais, simbólicas e morais nas apostas do turfe. *Anuário Antropológico*, v. 43, p. 67-92, 2018.
- Da pata do cavalo ao pé do coelho: razão e sorte no processo de elaboração de apostas no turfe. *Etnográfica*, p. 481-501, 2018.
- A pureza do sangue híbrido: os bastidores do turfe para a produção de cavalos e homens de corrida. *Revista Iluminuras*, v. 17, p. 447/42-460, 2016.
- Livro: *Na pata do cavalo: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Clube Brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. v. 1. 256p.

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/7957664395919996>